

**Discurso de posse**  
**como Presidente da FAPESP**  
**26/9/2007**

- CELSO LAFER -

No início da década de 1960 teve muita repercussão um livro de C. P. Snow - The two cultures. Snow, que foi um cientista inglês de nomeada e também um romancista de qualidade, apontava que nas sociedades contemporâneas a vigência de uma cultura comum desaparecera e que havia uma enorme falta de comunicação entre a cultura literária e humanística e a cultura científica. Com base na sua experiência e conhecimento, realçava o imenso peso e papel da cultura científica na configuração do mundo moderno. Lembrava, igualmente, com base na sua experiência, a influência da cultura literária e humanística na formulação de idéias diretivas e na articulação de valores para as sociedades. Sustentava, assim, como cientista e intelectual e, portanto, como um ativo participante das duas culturas, a importância de uma recíproca e efetiva comunicação sem a qual não seria possível lidar com os desafios e os problemas contemporâneos.

Da década de 1960 até os dias de hoje, vem crescendo de maneira exponencial a importância da comunicação entre as duas culturas, ou seja, a capacidade da tradução para lograr a comunicação e superar o desafio da Torre de Babel.

A natureza não é mais, para falar com os gregos, *physis*, ou seja, um dado estável, passível de conhecimento, distinto daquilo que é criado pelo homem. Por força das inovações científico-tecnológicas, é manipulável e alterável pela ação do homem. Daí a contínua transposição de barreiras antes tidas por naturais. Por isso o pensar da cultura intelectual e o *nomos* que engendra requer o conhecer da cultura científica.

Não é fácil lidar com esta dialética de complementaridade, pois ela envolve enfrentar a diversificação, a multiplicação e a fragmentação. Daí a postura dos pensadores da condição pós-moderna que contestam a possibilidade dos macro-saberes, aptos a fornecer princípios, critérios e legitimação de ordem geral para o conhecer e o agir.

São inegáveis os desafios inerentes à condição pós-moderna. É imensa a complexidade trazida pela velocidade com a qual a cultura científica e tecnológica amplia os horizontes do conhecimento e altera as condições de vida de todos. Assim, se é certo que no mundo contemporâneo não dá para criar, numa visão integrada, uma cultura comum, não é menos certo ser um imperativo do nosso tempo a capacidade de traduzir com competência e assim ensejar uma comunicação entre as duas culturas, tal como aventado por C. P. Snow. Dessa responsabilidade me dei conta como professor de Direito, oriundo das humanidades, em função não só da minha experiência acadêmica mas do que vivi como homem público e diplomata e de problemas que enfrentei no trato da vida empresarial. Por isso e coerentemente, tenho muita satisfação de integrar tanto a Academia Brasileira de Ciências quanto a Academia Brasileira de Letras.

Os desafios da bioética - uma das áreas da Filosofia do Direito, minha matéria de docência - requerem a comunicação entre as duas culturas. O direito do meio-ambiente, com o qual me ocupei no exercício de funções públicas, também requer esta comunicação sem

a qual o princípio de precaução, a análise do impacto ambiental ou o desafio da mudança climática se esvaziam de conteúdo. Na perspectiva da relevância hierárquica das políticas públicas é, também, evidente, que a capacitação científica e tecnológica é uma variável crítica para uma sociedade poder ter um papel no controle do seu próprio destino. E não preciso reiterar que a inovação proveniente da pesquisa e do desenvolvimento é decisiva para a competitividade da empresa num mundo globalizado.

Faço estas considerações pois entendo que um dos extraordinários méritos da FAPESP,- desde a sua criação pela lei nº 5918 de 18 de outubro de 1960, com base no artigo 123 da Constituição Estadual de 1947 - é o de ser, em São Paulo e no Brasil, o *locus* por excelência do encontro das duas culturas. Com efeito, o seu objeto de trabalho é o avanço, com rigor, do conhecimento em todas as áreas: ciência, tecnologia, artes, literatura, filosofia, ciências humanas.

A Agência FAPESP, criada na gestão do meu antecessor, com os 62 mil assinantes do seu boletim eletrônico e o seu site que recebe, em média, 500 mil visitantes por mês, constitui uma bem sucedida rede

que promove um abrangente e gratuito acesso à multiplicidade de conhecimentos que integram a vida da nossa Instituição.

A nossa revista Pesquisa é, igualmente, a expressão de um empenho no encontro das diversas áreas de conhecimento que a FAPESP apóia. A cada mês, os seus muitos leitores nela encontram textos atualizadores sobre temas de Política Científica e Tecnológica, sobre Ambiente, sobre Ciência, sobre Tecnologia, sobre Humanidades. Pesquisa é, assim, uma significativa face externa do papel da FAPESP e, ao mesmo tempo, em conjunto com a Agência, uma contribuição para conscientizar a opinião pública do relevante e indispensável nexos entre as áreas do conhecimento no mundo contemporâneo. Com regularidade, Pesquisa e Agência articulam, no pluralismo de suas matérias, a afirmação de Miguel Reale: “No universo da cultura o centro está em toda parte”.

Como é que a FAPESP logra ser este privilegiado *locus* de encontro dos conhecimentos? A FAPESP representa o compromisso do Estado com a política pública da pesquisa, compromisso previsto no artigo 268 da Constituição Estadual de 1989. No que diz respeito à

nossa Instituição, este compromisso foi reforçado pelo art. 271 da Constituição Estadual, que ampliou para um mínimo de 1% da receita tributária estadual, a renda da administração privativa da FAPESP para aplicação em desenvolvimento científico e tecnológico.

Cabe lembrar que a FAPESP foi concebida para dar total prioridade aos seus fins e ser parcimoniosa nos meios de que se vale para alcançá-los. Por isso a lei 5918 de 1960 estabeleceu, no seu art. 17, que não poderão ultrapassar de 5% de seu orçamento as despesas com a sua administração, inclusive com ordenados de Diretores e Assessores e salários de servidores. Atualmente os valores empregados na sua Administração correspondem a 4,26% do orçamento da FAPESP.

A chave da qualidade e do bom funcionamento da FAPESP está alicerçada em três fatores: a autonomia, o repasse de recursos realizado com pontualidade pelo Poder Executivo - e neste sentido cabe lembrar que os governos paulistas consistentemente respeitaram o cumprimento destes dois requisitos - e a interação

constante e em rede da Fundação com a comunidade acadêmica, que são os *stake holders* do processo, desde a origem da Instituição.

É esta interação que sustenta a qualidade que caracteriza o exercício da autonomia da FAPESP. Ela se realiza por um processo decisório, lastreado na base em assessores acadêmicos – são cerca de quinze mil os cadastrados – que, *pro bono*, dão os pareceres que avaliam as propostas encaminhadas à nossa Instituição. Estas, nas suas apresentações, são respaldadas, no caso de Bolsas, por um orientador ou, no caso de Auxílios à Pesquisa, por um coordenador. Em 2006,- afora os programas especiais,- a FAPESP recebeu perto de dezesseis mil propostas de bolsas e auxílios regulares e aprovou cerca de dez mil.

A indicação dos pareceristas e a discussão dos seus pareceres são a atividade das coordenadorias das áreas de conhecimento que trabalham sob a égide da Diretoria Científica. São, atualmente, treze estas áreas, a saber (1) Agronomia e Veterinária, subdividida em duas Sub-coordenações; (2) Arquitetura e Urbanismo; (3) Astronomia; (4) Biologia, subdividida em duas Sub-coordenações;

(5) Ciências Humanas e Sociais, subdividida em três Sub-coordenações; (6) Ciência e Engenharia de Computação; (7) Economia e Administração; (8) Engenharia, subdividida em duas Sub-coordenações; (9) Física (10); Geociências; (11) Matemática e Estatística; (12) Química, (13) Saúde. As coordenadorias são compostas por 81 reputados especialistas, provenientes das Universidades e instituições de pesquisa sediadas no nosso Estado, que se reúnem semanalmente e que também trabalham *pro bono* em prol do avanço do conhecimento.

Também cabe mencionar que a supervisão de programas especiais da FAPESP como, por exemplo, o Biota, Inovação Tecnológica, Ensino Público, Políticas Públicas, também é promovida por coordenadorias compostas por destacados pesquisadores no campo de conhecimento desses programas.

Para dar andamento ao processo decisório, o Diretor Científico conta com uma Coordenação-adjunta que, regra geral, é integrada por pesquisadores com prévia experiência de coordenar áreas que

também analisam as propostas e sua consistência e as recomendações que as acompanham.

Apoiado nesses fundamentos o Diretor Científico toma decisões que, por sua vez, são homologadas pelo Conselho Técnico Administrativo (CTA), o colegiado executivo da FAPESP que opera por meio de um Presidente, um Diretor Administrativo e um Diretor Científico. Estas decisões seguem as diretrizes estabelecidas pelo Conselho Superior que, no pluralismo da sua composição, especifica os princípios estabelecidos pela Constituição Estadual e pela legislação correspondente.

Esta sucinta e por isso incompleta descrição que acabo de fazer não provém apenas do gosto de quem estudou e viveu o processo decisório da Administração Pública no Brasil e tem, também, a experiência da gestão empresarial. Tem como objetivo realçar como a FAPESP exerce a sua autonomia com o rigor dos melhores padrões do conhecimento.

É com este rigor e seriedade, que também exprime o respeito republicano pelo dinheiro do contribuinte, que a FAPESP executa o seu orçamento e que tem feito o sucesso de pesquisa em São Paulo – sucesso de inquestionável irradiação nacional e internacional.

Em 2006, foram da ordem de R\$ 522 milhões os desembolsos efetuados pela FAPESP no fomento das suas atividades-fim. Foram aplicados em função de uma estratégia que se assenta em três pilares: (1) Formação de Recursos Humanos (Bolsas de Iniciação, Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado) que recebe 30% do investimento anual; (2) Pesquisa Acadêmica Básica que recebe da ordem de 55% do investimento anual; e (3) Pesquisa com vistas a Aplicações, que inclui projetos como o Biota e também os de Pesquisa de Pequenas Empresas – que recebe cerca de 15% do investimento anual.

Para um professor da USP e integrante da comunidade acadêmica brasileira assumir a Presidência da FAPESP é uma grande responsabilidade e uma distinção ímpar. Falo com conhecimento de causa. A minha relação com a FAPESP teve início na década de 1970

quando, depois do meu doutoramento na Universidade de Cornell, nos EUA, passei a integrar o corpo de pareceristas. A convite dos professores Oscar Sala e Paulo Vanzolini, participei, naquela época, ainda na sede da Av. Paulista, de um grupo de trabalho que discutiu áreas prioritárias de pesquisa. Em 2003, indicado pelo Governador Geraldo Alckmin, vim a integrar o Conselho Superior, o que me deu a oportunidade de experienciar a vida da FAPESP de forma abrangente e atualizada.

No Conselho tive em mente tanto uma afirmação de Pasteur: “não há ciência aplicada, existem sim aplicações da ciência” quanto a percepção derivada da minha atividade na USP e da minha experiência docente na Faculdade de Direito: há muitas formas de fazer ciência. Há pesquisadores ativos somente em pesquisa fundamental, outros ativos só em pesquisa aplicada e há os que fazem as duas coisas. Concordo, assim, inteiramente, com o prof. Carlos Henrique de Brito Cruz - nosso eminente Diretor Científico - que observou não se poder nem se dever impor à comunidade científica um único tipo de atividade e que cabe à FAPESP criar as

oportunidades para que a boa pesquisa, em todas as áreas e em todas as suas formas, encontre apoio.

Também entendo que boas parcerias da FAPESP com as empresas na área da inovação e da pesquisa trazem benefícios para a sociedade e são um fator relevante para o desenvolvimento do país. Complementaridades entre a pesquisa na empresa e na universidade têm ingredientes de sinergia e estão em consonância com o art. 271 da Constituição Estadual, que ampliou as receitas da FAPESP também para atender ao desenvolvimento tecnológico.

Quero concluir agradecendo aos meus amigos e companheiros do Conselho Superior a indicação, em primeiro escrutínio, do meu nome para compor a lista tríplice encaminhada ao Governador José Serra. Agradeço ao Governador José Serra a escolha do meu nome para a Presidência da FAPESP. Somos velhos amigos e tive a satisfação de com ele cooperar e trabalhar quando integramos o Ministério do Presidente Fernando Henrique Cardoso – a quem o Brasil tanto deve no fomento e estímulo à ciência e à tecnologia. Atribuo um significado especial à minha designação, pois considero

o Governador José Serra, sem favor, o mais qualificado e competente homem público da minha geração. Empenhar-me-ei em dar à minha atuação na FAPESP nos termos das atribuições e deveres que me incumbem, por força da lei 5918 de 1960, uma qualidade de gestão que honre o sentido de direção e a visão da coisa pública que vem imprimindo ao governo do Estado de São Paulo e que são a marca da sua maneira de ser. Não posso, também, deixar de dizer que considero a minha designação uma homenagem à Faculdade de Direito da USP, a mais antiga instituição de ensino superior do nosso Estado, no ano em que comemora 180 anos de sua existência com uma relevante folha de serviços em prol do Brasil.

Tenho o privilégio de suceder na função ao prof. Carlos Vogt, que prestou inestimáveis serviços à FAPESP, como posso testemunhar como integrante do Conselho Superior durante a sua atuante Presidência. Temos um repertório comum de perspectivas e preocupações e fomos ambos favorecidos pela extraordinária experiência acadêmica de ter tido Antonio Candido como nosso grande professor. Antecipo, com satisfação, a continuidade do nosso diálogo e a colaboração que terá a sua dimensão institucional à luz

de suas novas e relevantes funções como Secretário de Ensino Superior do Governo José Serra.

Conto com o indispensável apoio do Conselho Superior; do Conselho Técnico Administrativo integrado pelo seu Presidente, o prof. Ricardo Renzo Brentani, seu Diretor Científico, prof. Carlos Henrique de Brito Cruz e seu Diretor Administrativo, prof. Joaquim José de Camargo Engler. Conto com os dedicados servidores da FAPESP e com a rede da comunidade científica – que são, como disse, os *stake-holders* do apoio à pesquisa. Com base na minha experiência na FAPESP, conheço o inestimável e decisivo papel que todos têm para com o sucesso das atividades da nossa Instituição – um sucesso para o qual me cabe agora contribuir, perseguindo o aprimoramento e a contínua melhoria.

O Governador Franco Montoro – um exemplo de como a associação entre a Ética e a Política é não só desejável mas possível – gostava de citar uma afirmação de Teilhard de Chardin: é pela elevação que se alcança a convergência. É pela elevação que, nas funções que

assumo na FAPESP, buscarei a convergência em prol da pesquisa e do desenvolvimento.